



Poços de Caldas

## 3º Congresso Nacional de Educação

EIXO TEMÁTICO: ÉTICA, DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA  
FORMA DE APRESENTAÇÃO: RESULTADO DE PESQUISA

### **MIGRAÇÃO E ÉTICA: UMA EXIGÊNCIA DA PRÁXIS DE ALTERIDADE A PARTIR DA EXTERIORIDADE DOS MIGRANTES E REFUGIADOS.**

**Cornélio Raimundo Mucache**

Doutorando em Educação, com pesquisa em História e Filosofia de Educação pela UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba. Bolsista da CAPES – Brasil  
E-mail: [cornemucache@yahoo.com.br](mailto:cornemucache@yahoo.com.br)

#### **Resumo**

São trazidas as questões migratórias para serem refletidas de forma interdisciplinar, de modo a se tomar uma correta intervenção. O trabalho busca contribuir nas discussões atuais sobre a ética e direitos humanos que implica uma exigência de um reconhecimento como sujeitos, os migrantes e refugiados, que a partir de sua condição de exterioridade interpela e exige uma práxis ética. A exterioridade dos migrantes e refugiados, a sua condição de ser é de: vulnerabilidade, dor, sofrimento, fim de sua esperança em deixar sua pátria e suas raízes culturais. Isto exige uma ética enquanto uma práxis que abre um horizonte de determinação de sentido à vida, efetivando-se, o reconhecimento mútuo. O migrante e refugiado enquanto “Outro” emerge como alteridade na medida em que ele também é um portador do mesmo direito fundamental, portanto, irredutível a qualquer projeto que o possa diminuir como sujeito. No atual contexto do neoliberalismo e globalização excludente, o estudo é indispensável para se resgatar a práxis ética enquanto uma práxis do reconhecimento universal da dignidade humana em geral, e em particular aos migrantes e refugiados em prol do reconhecimento como “Outro” em direção da construção de uma humanidade e uma cidadania solidária que rompe qualquer redução como acontece geralmente para os migrantes e refugiados em sua nova pátria (espaços de chegada) como ameaças para convivência, visto como aquele que veio aumentar desequilíbrio social, violência, e muitas vezes usado como mão-de-obra barata, sem acesso à educação e, enfim passando por qualquer redução que se pode imaginar.

**Palavras-Chave:** Migração; Práxis Ética; Interdisciplinaridade; Exterioridade.

## **INTRODUÇÃO**

A presente discussão é uma parte da dissertação desenvolvida no Mestrado em Educação na Universidade Metodista de Piracicaba, financiada pelo CNPq, e teve como objetivo estudar a “Pedagógica” enquanto uma práxis ética que se situa na crítica ao ethos capitalista. A partir deste estudo ficou entendido que a “pedagógica” enquanto formulado por Enrique Dussel (nos anos de 1970) se articula com toda a estrutura de seu pensamento filosófico. E dado a sua vitalidade nos aspectos do processo formativo e educacional, nos aspectos sociais, nos aspectos éticos e filosóficos, continua sendo atual em todos espaços e tempo em que se está perenizando relações de dominação, opressão, exclusão e o surgimento de novas vítimas em diversos aspectos da vida.

Deste modo, na crítica ao ethos capitalista e seu processo de fetichização, a “pedagógica” enquanto uma práxis ética, no contexto da ética da libertação, propõe-se os elementos para uma reflexão sobre a práxis de libertação nas diversas dimensões humanas. Da mesma forma a partir deste pensamento o interesse desse resumo é apresentar de modo interdisciplinar as questões atuais da crise humanitária de migração que necessariamente exigem uma práxis de alteridade a partir das pessoas envolvidas, os migrantes e refugiados.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi realizada com base na “analética”, o método da tradição filosófica de libertação. A analética é contrária à lógica que não aceita a exterioridade, por isso para Dussel (1986, p.183-184), “a analética consiste em organizar um discurso a partir da liberdade do outro e nesta lógica, o outro apresenta-se como alteridade quando irrompe com o estranho, o diferente, o distinto, o pobre, o oprimido, o migrante, o refugiado”. Aliás, aquele que está à beira do caminho, fora do sistema e mostra seu rosto sofredor e clama por justiça. Portanto, a analética tem origem não na ordem estabelecida da totalidade, mas no Outro. A ideia é partir do ouvido dos migrantes e refugiados para refletir sobre as mobilizações práticas conducentes do Outro a expressar o que foi ouvido. Desde o ouvir aos migrantes e refugiados até a ajustada compreensão, o método analético faz-se presente como o compromisso, mesmo diante do risco, de respeitar o outro como Outro.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Discutir neste estudo sobre migração e ética na perspectiva de uma exigência da práxis de alteridade a partir da exterioridade dos migrantes e refugiados, parte de um esforço para mostrar quão é importante a luta pelos direitos, cidadania e a resistência. A resistência concreta daquelas pessoas e daqueles povos que vivem sob a égide de sistemas que os dominam e tiram-lhes a voz, os direitos e a dignidade. Dominação, neste contexto, antes de se tornar uma categoria carregada de sutilezas teóricas, é sentida fisicamente. Quando em pleno século XXI diante da crise humanitária migratória jamais vista no mundo após das duas guerras mundiais, os migrantes e refugiados são escravizados, sem cidadania porque o sistema sob o signo neoliberal, não pode os reconhecer como cidadãos e conseqüentemente passar a gozar dos mesmos direitos, como por exemplo do acesso à educação e outros serviços básicos.

Para além de qualquer discussão teórica e conceitual há, neste como em tantos outros casos, algo absolutamente primeiro: o rosto daquele que sofre. Ainda que os sistemas de dominação retirem de alguém sua voz, sua liberdade, sua dignidade, uma coisa lhes será impossível: apagar do rosto do outro o sofrimento infligido. Estes rostos são os rastros de

verdade que os sutis discursos legitimantes não conseguem esconder. São índices da resistência e, portanto, em última análise, uma exterioridade que os sistemas nunca conseguirão cooptar e integrar totalmente.

É deste rosto sofrido do migrante e refugiado, do que tem fome, da mulher violentada (abusada) que parte o impulso de uma exigência ética como uma práxis de alteridade. Assim como estes rostos resistem e expõe a violência, a ética quer pensar esta resistência porque,

[...] Vida humana não é um conceito, uma ideia, nem um horizonte abstrato, mas o *modo de realidade* de cada ser humano concreto, condição absoluta da ética e exigência de toda libertação. Não se deve estranhar, então, que esta *ética* seja uma ética de afirmação total da vida humana ante o assassinato e o suicídio coletivo para os quais a humanidade se encaminha se não mudar o rumo de seu agir irracional [...] (DUSSEL, 2012, p.11).

Segundo Dussel (1987), o termo “práxis” significa muitas coisas. Mas para o contexto de uma ética, “práxis” significa um ato humano que se dirige a outra pessoa humana, como um aperto de mão, um beijo, um diálogo. Portanto, é a maneira atual de estar em realidade frente ao Outro; é a presença real de uma pessoa ante outra. Desta feita, a práxis ética, é o relacionamento ativo “homem-homem” e está integrada em quatro momentos, a saber: a *práxis política* ou interação irmão-irmão, companheiro-companheiro, concidadão-concidadão, *práxis erótica* ou interação varão-fêmea, *práxis pedagógica* ou interação pai-filho, mestre-discípulo, Estado-Povo e *práxis arqueológica ou antifetichista*, a interação homem-arqueologia, homem-ateísmo de todo ente e sistema. A práxis ética é uma tática e estratégia, como realização de uma factibilidade ético-crítica. Deste modo deve ser bem claro o critério e o princípio geral de práxis para que se efetive as causas da negação dos migrantes e refugiados, como luta desconstrutiva que exige meios proporcionados àqueles contra os quais se trava a luta.

Outra questão a este discurso é a ideia de exterioridade. Portanto, a práxis nesta dimensão da exterioridade é a ação possível que transforma a realidade (social enquanto dor, sofrimento e de interpelação) como a dos migrantes e refugiados através de luta em prol dos direitos humanos, de solidariedade, tendo como teleologia sempre em prol de alguma “vítima” ou de comunidade de vítimas.

A práxis ética enquanto princípio de alteridade se formula explicitamente o momento deontológico ou o dever-ético-crítico da transformação como possibilidade da reprodução da vida dos migrantes e refugiados e de todas as pessoas que se encontram na situação de necessidade para o possível desenvolvimento factível da vida humana em geral. Este princípio subsume todos os princípios. Trata-se do dever de intervir criativamente no progresso qualitativo da história. O princípio obriga a cumprir por critério já definido; quer dizer, é obrigatório para todo ser humano – embora frequentemente só assumam esta responsabilidade os participantes da comunidade crítica das vítimas – transformar por desconstrução negativa e nova construção positiva as normas, ações, microestruturas, instituições ou sistemas de eticidade, que produzem a negatividade da vítima (DUSSEL, 2012, p.564).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a migração e ética: uma exigência da práxis de alteridade a partir da exterioridade dos migrantes e refugiados, fora tecida a discussão para estimular na sociedade a construção da relação face-a-face, da relação de proximidade e riqueza do encontro. A

“exterioridade” e “alteridade”, são conceitos importantes para se trilhar um caminho de sensibilidade extrema no qual o conceito de “proximidade” se revela diante da vida e do Outro, entendida aqui como um ato de amor, aliás uma sensibilidade pura de quem é capaz de afetar-se e acolher porque nasceu não de um ato lógico ou de um movimento do pensamento, mas do visceral encontro erótico com o mundo.

Concluimos esta reflexão com intuito de tonificar as fontes do acolhimento, da solidariedade e de cidadania que também fazem parte do encontro humano, e desembocar num pensamento que estimula a relação, o respeito, o acolhimento e a hospitalidade para os migrantes e refugiados, em extensão a todas as pessoas que se encontram na situação de necessidade. .

## **BIBLIOGRAFIA**

DUSSEL, Enrique. *Ética Comunitária*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: 4.ed. Vozes, 2012.

DUSSEL, Enrique. *Carta a los indignados*. México, D. F.: La Jornada, 2011

DUSSEL, Enrique. *Método para uma filosofia da libertação*. Tradução de Jandir João Zanotelli. São Paulo: Edições Loyola, 1986.